

Avaliação de produtividade acadêmica: uma proposta de quantificação

* Doutor em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Adjunto de Bioestatística do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva (Nesc/UFRJ). Praça da Prefeitura da UFRJ, Cidade Universitária - Ilha do Fundão, 21949-900 - Rio de Janeiro/RJ. ronir@acd.ufrj.br

Ronir Raggio Luiz*

Resumo

A necessidade por avaliações chegou definitivamente às academias. Entretanto, a dificuldade intrínseca à avaliação da qualidade da produção científica, favorece estratégias quantitativas que, embora a viabilize operacionalmente, tem gerado insatisfações não só pelas suas fragilidades, como também pela pouca percepção da competição como um de seus propulsores (e também consequência). Sem a pretensão de resolver este desafio, este texto apresenta uma proposta de avaliação da produção acadêmica que, dentro de cada área de conhecimento e, ainda centrada na quantificação, pode minimizar as seqüelas dos atuais sistemas, concentrados na publicação de artigos internacionais. Ao valorar outras dimensões do trabalho acadêmico, a proposta pode contribuir para resgatar a auto-estima do pesquisador, bem como, pretensamente e como consequência, até um aumento de produtividade.

Palavras-chave: Avaliação. Produtividade. Qualidade-quantidade.

The evaluation of Academic Productivity: a proposal for quantification

Abstract

The need for evaluation has definitely arrived in academia. However, the difficulty intrinsic in the evaluation of the quality of scientific production favors the use of quantitative strategies that, although operationally viable, generate dissatisfaction, not only because they suffer from inherent weaknesses, but also because they are perceived as being propelled by (and the consequence of) competition. Without intending to resolve the issue, this paper presents a proposal for evaluating academic output. Although still centered on quantification, the suggested approach is applicable to each field of knowledge and can serve to minimize the fragilities of current systems focusing on the publication of international articles. By valuing other dimensions of academic work, the proposal can contribute to regaining the researcher's self esteem and, as intent and consequence, increase levels of productivity.

Keyword: Evaluation. Productivity. Quality-Quantity.

1. Introdução

Como já parece ser um consenso estabelecido, a necessidade de avaliações regulares também chegou definitivamente ao ambiente acadêmico. Entretanto, ainda tem provocado muita celeuma e problemas de difíceis soluções, especialmente em campos que atuam sobre conhecimentos multidisciplinares (a Saúde Coletiva, por exemplo) ou regiões sistematicamente menos favorecidas (KERR-PONTES et al., 2005). Afinal, como avaliar de maneira satisfatória a produção acadêmica? Como considerar a qualidade do trabalho científico, e por que não incluir nele o magistério? Em termos mais específicos, como dizer que um pesquisador com, por exemplo, três artigos internacionais publicados nos últimos dois anos como co-autor “vale” mais que um outro sem nenhuma publicação nos mesmos dois anos, mas com alguns livros publicados há mais tempo, sendo estes livros referências de diversos cursos de graduação ou pós-graduação?

A atual tendência pela quantificação como estratégia de avaliação de “qualidade” acadêmica, se por um lado a viabiliza operacionalmente, por outro, não nos deve cegar quanto às suas claras limitações. Ousando objetar parcialmente Galileu Galilei – a quem se atribui a afirmação de que se deve medir o mensurável e transformar em mensurável o que, à primeira vista, não for (PEREIRA, 2001) –, imaginar que sempre tudo é quantificável é um exagero, mas se reconhecermos explicitamente as fragilidades de um certo processo quantitativo de fenômenos qualitativos, ele pode ser útil em muitas situações, inclusive em avaliações. Neste sentido, o campo acadêmico impõe tantas dimensões e nuances de qualidade que os ideais de quantificação de qualquer avaliação, se não têm malogrado totalmente, têm, pelo menos, suscitado a justificada insatisfação de muitos. O caso das bolsas de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) constitui um exemplo atual e emblemático, no qual claramente se percebem as fragilidades desse sistema, ocasionado ou agravado por limitações orçamentárias e pela heterogeneidade das diversas áreas de conhecimento, incluindo aí formas de pressão política. Como aspecto positivo, é importante sabermos que esta questão está definitivamente na agenda do CNPq (CNPq, 2006), pois já são notórias as conseqüências deletérias desse atual sistema estrangulador.

Por outro lado, se a dualidade qualidade–quantidade não se resolve pela superação de uma pela outra – posto que na maioria das vezes devem ser complementares ou específicas e não necessariamente alternativas, reconhecendo ainda a necessidade de extensão do debate para além das questões técnico-metodológicas (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2002; PEREIRA, 2001) –, a utilização de um sistema “híbrido”, mesmo que eventualmente hegemônico

para uma das partes (no caso presente, pela quantificação, por sua facilidade operacional e maior apelo objetivo), pode contribuir para solucionar parcialmente o problema, especialmente se esse sistema prontamente permitir adaptações sensíveis a diversas realidades (leia-se aqui áreas de conhecimento).

Mas qual é realmente o problema? É importante ressaltar que, queiramos ou não, concordemos epistemologicamente ou não, no fundo, estamos diante de uma necessidade de hierarquização, de “ranqueamento” (aportuguesando), não só individual, como também institucional. Os pesquisadores e as instituições de pesquisa, por uma carência de “recursos” (em um sentido lato) suficientes para atender mesmo àqueles já situados em um patamar mínimo de desenvolvimento¹, são obrigados a se digladiarem por uma causa distorcida. Isto é, havendo pesquisadores e instituições que se mostrem habilitados e comprometidos, não deveria haver nenhum tipo de restrição. A luta (ou a causa) deve ser, portanto, por uma extensão bem mais generosa dos recursos. Em última análise, e apesar dos indicadores de produtividade terem experimentado aumentos crescentes nos últimos anos (VELLOSO et al., 2004), a competição por recursos neste ambiente – devido a uma paradoxal redução destes recursos no mesmo período –, deve não só gerar estresses e sofrimentos (DE MEIS et al, 2003; LUZ, 2005), como também deve desfavorecer a qualidade da produção científica. Os depoimentos de alguns pesquisadores de uma das mais respeitadas e produtivas instituições de pesquisa do Brasil, presentes em “The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout” (DE MEIS et al., 2003), são simbólicos e impressionam pela sua profundidade.

Dada a irreversibilidade deste diagnóstico – pelo menos enquanto viger a lógica “capitalista” da produtividade –, parece-nos que cabe procurar um sistema menos imperfeito (usando um pouco de eufemismo), que leve em consideração outras dimensões, além do “número de *papers* internacionais publicados nos últimos dois ou três anos”. No que se refere à produção acadêmica, não fosse pela simples fragilidade de constructo (em um sentido psicométrico) desta quantificação, temos tido como corolário um crescimento daquilo que pode ser considerado “lixo” acadêmico, isto é, textos que jamais foram ou serão utilizados por outrem, talvez sequer para leitura, mesmo quando publicados em periódicos ditos de respeitabilidade internacional (aqueles com altos fatores de impacto).

Feitas estas considerações iniciais, o objetivo deste texto é trazer para o debate sobre a avaliação da produtividade acadêmica uma proposta que, mesmo que ainda centrada fortemente na quantificação, incorpora diversas dimensões da produção científica, podendo ademais ser flexibilizada de acordo com as especificidades de cada uma das áreas de conhecimento já definidas pelas agências de fomento e reguladoras brasileiras, além das próprias instituições

¹ Neste momento, sequer estamos nos referindo àqueles que precisariam de algum apoio ou recurso para um real desenvolvimento acadêmico (individual ou institucional).

de pesquisa. Nesse sentido, vai ao encontro de muitas inquietações já explicitadas por algumas áreas de conhecimento – por exemplo, a Física (CNPq, 2006) e a Saúde Coletiva (Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – ABRASCO, 2006). Assim, no melhor estilo psicométrico, ou talvez cientométrico, a proposição procura considerar as questões relacionadas à “qualidade” da produção acadêmica ainda de uma maneira quantitativista, mas reconhecendo as limitações que esta estratégia impõe. Como será visto, a viabilização da proposta exigiria muito pouco esforço adicional, mas deveria contar com o apoio decisivo do CNPq, por meio do Currículo Lattes (CV-Lattes).

2. População-alvo

A proposta apresentada mais adiante tem a intenção de atingir todos os pesquisadores brasileiros, entendendo como pesquisadores todos aqueles envolvidos diretamente com a produção e a reprodução do conhecimento científico. Obviamente, todos os professores universitários ou integrantes de instituições de pesquisa, sejam ou não mestres e doutores, constituem o público mais adequado à proposição. São esses os mais visados para qualquer avaliação acadêmica, quer seja para pleitos subvencionais de pesquisa, quer seja para avaliações institucionais (os programas de pós-graduação, por exemplo) ou para concursos acadêmicos.

Adiantando uma inovação da proposta, a valorização daqueles que atuam apenas ou mais intensamente na reprodução do conhecimento parece-nos oportuna e pertinente, pois devemos reconhecer a importância do processo de formação de recursos humanos qualificados, *stricto* e *lato sensu*, de nossos futuros pesquisadores. Nesse sentido, a valorização, em algum grau, daqueles que são reconhecidos como legítimos mestres, que fazem de uma simples sala de aula um local de ensino e aprendizagem definitivos, deve também contribuir sobremaneira para o desenvolvimento científico. Afinal, é neste espaço que todos temos a primeira oportunidade – e eventualmente decisiva – de nos interessar pela produção do conhecimento científico.

3. Plataforma Lattes

Com mais de 600 mil currículos já cadastrados, parece bastante razoável considerar um grande sucesso a iniciativa do CNPq em lançar a Plataforma Lattes. A facilidade operacional do sistema, a completude das informações e, o mais interessante, a viabilidade imediata de publicação de informações até então não prontamente visualizáveis e compiláveis, tornam qualquer tentativa de avaliação

muito mais democrática e eficiente. Isto nos parece importante porque, como já fora salientado por Luz (2005), as avaliações são feitas por pares. A proposta apresentada a seguir inspira-se na Plataforma Lattes e pretende se integrar a ela. Com pequenas modificações que incorporem novas informações relacionadas à “produção” acadêmica e a inclusão de uma rotina computacional que conte os “pontos” de cada pesquisador, torna-se possível cada um deles receber um escore quantificando toda a sua produção. Este escore seria imediatamente visualizado na plataforma e funcionaria como uma medida-síntese da produção acadêmica de cada pesquisador até aquele momento. Divagando um pouco, poder-se-ia imaginar essa estratégia como a “materialização” da idéia de Pierre Bourdieu de capital científico específico (BOURDIEU, 2004).

4. Apresentando uma proposta de quantificação

A idéia central é que cada um dos pesquisadores avaliados vá acumulando pontos por toda a sua vida acadêmica. Isto é, para um determinado instante de interesse, cada pesquisador, dentro de sua área de conhecimento, terá um certo escore que sintetizará toda a sua trajetória. Mais especificamente, portanto, estamos propondo que cada currículo seja acompanhado de um escore sintetizador. Na realidade, quando participamos de bancas de concursos, comumente aplicamos essa idéia de pontuar os itens do currículo, mas como fazemos isso de maneira isolada, para cada caso estabelecemos critérios novos ou muito diferentes. A proposta aqui é de extensão e padronização desse tipo de avaliação, permitindo uma universalização e generalização da pontuação.

Se a idéia por detrás da proposta é simples, sua implementação esbarra na imediata dificuldade de se definir itens de avaliação, com suas respectivas ponderações, que realmente afirmam o desempenho científico de cada pesquisador. Ou seja, o que deve ser enfrentado é um problema de estabelecimento de critérios de avaliação. À guisa de exemplo, o Quadro 1 representa um primeiro esboço de avaliação imaginado por um único indivíduo (o autor desse texto) que poderia ser aplicado a uma área qualquer de conhecimento, mas que, dada a pertinência do autor à área de Saúde Coletiva, deve ser talvez mais apropriada a esta área. Fica implícito, portanto, que um grupo de pesquisadores de uma determinada área (uma comissão específica, os Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq ou as comissões de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atento às demandas e às opiniões dos outros pesquisadores da mesma área, de acordo com seus próprios valores e interesses, deve formular uma proposta bem mais sensível e específica do que a apresentada no Quadro 1. Ou seja, os valores de ponderação apresentados não devem, por ora, ser objeto de controvérsia ou

discussão, apesar da tentação que os números suscitam, pois isso deverá ser uma etapa posterior. As ponderações só são apresentadas para efeitos de “materialização” da proposta.

Quadro 1. Proposta preliminar e não-pactuada de itens e ponderação de produção acadêmica, para fins de avaliação de produtividade	
Dimensões e itens de avaliação	Ponderação
1 – Titulação	
Doutorado	400
Mestrado	200
Pós-doutoramento ou concurso de livre-docência	150
Especialização	120
Graduação	100
2 – Magistério e Orientação	
Orientações de doutorado concluídas ou pós-doutoramento	15
Número de disciplinas, de graduação ou pós-graduação, oficialmente ministradas	10
Orientações de mestrado concluídas	8
Orientações de especialização concluídas	4
Orientações de graduação concluídas	3
Orientações de iniciação científica concluídas	1
3 – Distingções e Prêmios Acadêmicos	
Emerência, Notório Saber ou <i>Honoris Causa</i>	40
Eleições/indicações honoríficas (Academias e Sociedades científicas)	12
Editoria ou membro de conselho editorial de periódico internacional	12
Subvenções obtidas para projetos de pesquisa a partir de editais públicos	9
Prêmios por trabalhos acadêmicos apresentados	6
Editoria ou membro de conselho editorial de periódico nacional	6
4 – Produção Bibliográfica	
4.1 – Artigos completos publicados em periódicos	
Primeiro autor (ou autor único) em periódicos Qualis A ou B internacional	30
Primeiro autor (ou autor único) em periódicos Qualis C internacional ou A nacional	20

Co-autor em periódicos Qualis A ou B internacional	20
Co-autor em periódicos Qualis C internacional ou A nacional	18
Primeiro autor (ou autor único) em periódicos com outro Qualis	10
Co-autor em periódicos com outro Qualis	8
4.2 – Livros	
Autoria ou co-autoria de livro internacional	30
Autoria ou co-autoria de livro nacional	20
Organização de livro internacional ou autoria (ou co-autoria) de capítulo de livro internacional	12
Organização de livro nacional ou autoria (ou co-autoria) de capítulo de livro nacional	10
4.3 – Tradução	
Textos em jornais ou revistas, prefácios ou posfácios	3
5 – Impacto da Produção Bibliográfica (de qualquer produção e excluindo autocitação)	
Citações em livros/capítulos ou periódicos internacionais	10
Citações em livros/capítulos ou periódicos nacionais	6
6 – Trabalhos Técnicos	
Conferência ou palestra em eventos internacionais	15
Conferência ou palestra em eventos nacionais	10
Parecer em artigo científico internacional	5
Apresentação oral de trabalho em eventos internacionais	5
Apresentação oral de trabalho em eventos nacionais	4
Parecer em artigo científico nacional	2
7 – Participação em Bancas	
7.1 – Do mesmo programa ou instituição (participação interna)	
Concurso público para docente/pesquisador titular ou livre-docência	8
Banca em trabalho de conclusão de doutorado	6
Concurso público para docente/pesquisador	5
Banca em trabalho de conclusão de mestrado ou qualificação de doutorado	2
7.2 – De outro programa ou instituição (participação externa)	
Concurso público para docente/pesquisador titular ou livre-docência	10
Banca em trabalho de conclusão de doutorado	8
Concurso público para docente/pesquisador	7
Banca em trabalho de conclusão de mestrado ou qualificação de doutorado	4

A proposta apresenta diversos itens quantificáveis dentro de sete “dimensões”. A definição dos itens já é uma tarefa que deve exigir bastante reflexão, mas definir a ponderação é certamente a mais difícil. A noção de comparação e de “equivalências” deve estar presente a todo o momento e nortear as atribuições. Uma estratégia que pode ser útil é, em primeiro lugar, hierarquizar os diversos itens e, a partir do item julgado de menor valor, pensar quanto o seguinte vale mais do que ele. Por exemplo, se para um determinado item A atribuímos o valor 2 e para um outro (item B) o valor 4, é mais ou menos como dizer que, para efeitos de produção acadêmica, duas produções (ocorrências) de A “equivalem” a uma de B. Este exercício pode inclusive se sofisticar fazendo-se uso da teoria da utilidade (TORRANCE, 1999), mas para os propósitos colocados, não nos parece necessário. O que defendemos é que, embora a artificialidade ou a arbitrariedade dessa atribuição de “valor” incomode e seja difícil, ela pode ser bastante útil. Em função da dificuldade intrínseca ao processo, uma maneira de perceber se a escala proposta, antes de ser adotada, é ou não satisfatória, seria observar empiricamente alguns resultados (isto é, os escores de alguns pesquisadores) e verificar subjetivamente, a partir do que conhecemos destes pesquisadores, se o resultado parece sensível ou não para a “hierarquização” deles. Caso a ponderação não se mostre satisfatória (a juízo de algumas pessoas), poderia ser refeita e a mesma checagem repetida, até que se encontre uma ponderação de consenso ou seja considerada satisfatória. Este procedimento de “checagem” se aproximaria àquilo que é conhecido na estatística como amostra de treinamento ou de aprendizado em um processo de classificação ou modelagem de dados, quando se dispõe de tamanhos amostrais suficientes que viabilizem esta partição (uma parte da amostra serve para a construção do modelo e a outra, para a sua validação).

Mesmo que a proposta presente no Quadro 1 não tenha passado pela apreciação de mais ninguém, vale uma breve reflexão, a fim de detalhar suas vantagens e limitações, e discutir o que ela traz de novo, de modo a estudar a sua viabilidade. Alguns itens ou dimensões dispensam maiores explicações. Em primeiro lugar, pode ser observado que a maioria das informações já estão disponíveis no CV-Lattes. Isto é, com poucas adaptações – de forma, na apresentação das informações, ou de inserção de novos dados –, o sistema poderia prontamente gerar o escore final a partir do produto das frequências observadas de cada item pelas respectivas ponderações. Embora possa parecer complexo, um sistema bem desenvolvido como a Plataforma Lattes pode prontamente gerar o escore final a partir de uma rotina computacional interna. Pode, inclusive, gerar a pontuação específica pelas dimensões propostas, de modo que, dependendo dos objetivos de uma determinada avaliação (um concurso docente, pleitos de bolsa de produtividade, avaliação dos docentes de um programa de pós-graduação etc.), os agentes avaliadores possam, dentre outras

possibilidades: a) reponderar as dimensões; b) exigir uma certa regularidade entre elas; c) definir escores mínimos de cada uma delas; ou d) se concentrar em apenas uma ou outra dimensão julgada mais pertinente. O sistema de avaliação dos programas de pós-graduação da Capes já funciona mais ou menos assim. Essa flexibilidade pode ser muito útil para atender às especificidades das diversas áreas de conhecimento. No campo da Saúde Coletiva, por exemplo, no qual apresenta também as ciências humanas e sociais como um de seus principais pilares – diferente talvez das áreas biológicas básicas –, a necessidade de valorização de outros itens além de artigos internacionais publicados tem sido defendida enfaticamente (KERR-PONTES et al., 2005).

A partir do Quadro 1, percebe-se imediatamente que o que se pretende avaliar e quantificar vai muito além da produção bibliográfica. Desconsiderando os itens de titulação, é claro que pelas ponderações atribuídas aos itens da produção bibliográfica, um pesquisador com muitos textos publicados terá um escore mais elevado, apresentando, portanto, um alto “capital” científico. Como o escore proposto é cumulativo (é uma síntese do currículo), há uma clara tendência para os pesquisadores mais experientes pontuarem mais, desde que, naturalmente, tenham uma atividade científica regular. Se, por outro lado, um pesquisador quiser “viver da renda” de seus produtos passados, esta pode ser, a nosso juízo, uma atitude justificável, desde que ele ainda esteja bem “vivo” nas citações, por exemplo. Esse pode ser, inclusive, um resultado que expresse respeito e reconhecimento aos nossos antigos mestres por aquilo que eles já fizeram pelo desenvolvimento do conhecimento científico brasileiro e que, portanto, não parece razoável que sejam alijados pela dinâmica frenética dos atuais e questionáveis mecanismos de valorização científica. Mas, é claro, isso depende de acertos que devem, a nosso juízo, respeitar as especificidades de cada área ou subárea de conhecimento.

De forma geral, uma característica que aparece valorizada na proposta é uma eventual e desejada inserção internacional do pesquisador. Isso tem sido defendido por muitos e, no geral, nos parece razoável, à exceção talvez de algumas situações específicas em que o conhecimento desenvolvido só valha ou se aplique dentro das fronteiras nacionais. Outra questão que se reconhece valor é a participação em bancas, especialmente as externas, supostamente demonstrando, neste caso, que o pesquisador goza de um certo prestígio entre seus pares ou detém uma certa expertise de interesse.

Voltando à produção bibliográfica, a valorização de livros responde a uma forte reivindicação de algumas áreas de conhecimento (ABRASCO, 2006) que reconhecem neste produto um item muito importante na produção e na reprodução científica. Ainda na produção bibliográfica, valorizar o primeiro autor de trabalhos coletivos, a

nosso juízo, parece mais apropriado, pois sabemos que na grande maioria das vezes é este o principal responsável pelo texto produzido. Para exemplificar com números, parece-nos inapropriado ou injusto que um pesquisador com oito publicações como co-autor pontue da mesma maneira que um outro com oito publicações como primeiro autor ou autor único. A idéia não é, obviamente, desvalorizar a co-autoria, mas sim promover a iniciativa científica mais presente, em nosso ponto de vista, na figura do primeiro ou único autor. Deve-se reconhecer, contudo, que parcerias, principalmente internacionais, que redundem em publicações conjuntas contribuem bastante para o desenvolvimento científico (MENEHINI, 1996). Além disso, uma questão que seria de difícil solução para a proposta relaciona-se à prática ou à cultura de algumas áreas de conhecimento em reconhecer o último autor como o “mentor” ou o orientador dos trabalhos em co-autoria. Outra de difícil operacionalização pela proposta, mas que refletiria uma produção científica consistente, seria a “vinculação” da produção às linhas de investigação do pesquisador. Este ponto poderia ser mais bem explorado de maneira qualitativa, em uma eventual avaliação que se somasse à presente proposta quantitativa.

Como novidade, pontuar as citações dos trabalhos publicados pelo pesquisador representa o impacto ou a repercussão de seus textos científicos, embora se espere uma certa “latência” desta “produção”. Informalmente, esse item já vem sendo defendido mais recentemente nas avaliações², desde que não se contabilizem autocitações. Operacionalmente, pode parecer difícil localizar as citações, mas com os recursos de busca hoje disponíveis, esta tarefa é possível e praticamente imediata (por exemplo, os sítios *webofscience.com* e *scholar.google.com* podem ser utilizados). Para facilitar, e em havendo o devido espaço para este registro na Plataforma Lattes, o próprio pesquisador poderia fazer este trabalho, embora isto possa soar um pouco egocêntrico à primeira vista. Outra novidade se refere aos pareceres em artigos. Este tipo de atividade acadêmica, além de ser claramente importante para o desenvolvimento científico, também demonstra um certo reconhecimento pelos pares. Além disso, pareceres em artigos científicos, juntamente com participações em bancas, constituem boas oportunidades para o pesquisador se atualizar e continuar o seu eterno processo de aprendizado.

Na dimensão “Magistério e Orientação”, o ideal, naturalmente, seria conhecer a “qualidade” das orientações e das aulas ministradas, principalmente a partir dos discentes. Mas, como devemos pressupor que isto deva ser feito pelas próprias instituições de ensino e pesquisa, a mera contabilidade dessas ocorrências, embora pouco sensível aos propósitos, já é uma maneira de considerar na avaliação acadêmica a relação direta docente–discente.

² Nesse sentido, é necessário que saibamos com mais detalhes como o mundo vem trabalhando com este item. Por exemplo, há um importante periódico internacional disponível nos Periódicos-Capes chamado *Scientometrics*, que segundo o próprio periódico: “The topics covered are results of research concerned with the quantitative features and characteristics of science. Emphasis is placed on investigations in which the development and mechanism of science are studied by means of (statistical) mathematical methods”.

5. Considerações finais

Sem a pretensão de resolver o verdadeiro desafio – qual seja, o de avaliação da qualidade individual ou institucional do trabalho acadêmico –, a proposta ora apresentada pode contribuir para minimizar as seqüelas do atual sistema de avaliação, exacerbadamente concentrado na publicação de artigos internacionais. Ao valorar também substancialmente os livros e os impactos das publicações científicas, especialmente as mais antigas e as de referência (aquelas muito citadas), além de diversas outras produções, tais como conferências/palestras, participação em bancas etc., o escore proposto, quando devidamente adaptado às especificidades de cada área de conhecimento, tende a resgatar outras importantes dimensões do trabalho acadêmico, bem como, acreditamos, a própria auto-estima do pesquisador. Como efeito secundário, é possível imaginar até um aumento na produtividade. Ademais, estende-se com isso as fronteiras da produção acadêmica para além da produção científica.

Além disso, mesmo que a proposta aqui formulada refira-se a cada pesquisador individualmente, as instituições de pesquisa, bem como os agentes avaliadores institucionais podem também se “beneficiar” dessa estratégia na medida em que, sob uma ótica contextual, são as instituições que aglutinam os referidos pesquisadores. Por exemplo, se o conjunto de pesquisadores de uma certa instituição apresenta, em média, escores elevados, pode-se inferir que a instituição é altamente “produtiva” academicamente, atentando-se, entretanto, para a fragilidade implícita em todas as medidas-síntese, em função do grau de variabilidade do fenômeno em questão.

Vale reforçar que a proposta apresentada deverá ser aplicada especificamente a cada área de conhecimento (ou grupo de áreas afins que justifique uma aglutinação), com as suas próprias definições dos itens de produção a serem considerados e suas ponderações. Nesse sentido, uma questão importante que surge refere-se aos pesquisadores que atuam nas intersecções de algumas áreas de conhecimento. O campo da Saúde Coletiva representa um bom exemplo. Uma maneira de contornar este problema seria permitir que o sistema (a Plataforma Lattes) facultasse ao pesquisador que ele próprio se enquadrasse em mais de uma área (talvez em até três) e o sistema o pontuaria em cada uma das áreas assinaladas. Neste caso, nas concorrências ou avaliações que não fossem específicas por área, poder-se-ia utilizar o maior escore. Esta flexibilidade nos parece importante porque pode ajudar na conclusão do processo de autonomização – lembrando Bourdieu – de algumas áreas de conhecimento, como pode ser o caso da Saúde Coletiva. Segundo Bourdieu (2004), somente após se atingir este grau é que a “luta” científica (a concorrência) dentro de um certo campo pode se dar por critérios puramente científicos, sem a interferência de pressões

externas. Além disso, a Saúde Coletiva, que por definição é um campo multidisciplinar, tem tido dificuldades para implementar a propalada interdisciplinaridade, talvez porque muitos dos seus principais autores tenham sido formados e ainda se enquadrem neste sistema pouco integrado e, muitas vezes, inflexível.

Por fim, àqueles que invariavelmente vêm nas quantificações de fenômenos qualitativos uma estratégia positivista, carregando nesta corrente apenas os seus aspectos pejorativos, vale dizer que a ausência de um sistema de avaliação perfeito se não nos deve paralisar, também não nos deve deixar acomodar por qualquer proposta. Nesse sentido, como estamos todos, de fato, “no mesmo barco” – no fundo, somos nós mesmos que nos avaliamos – e assumindo que as avaliações são necessárias, devemos a todo momento estar atentos às fragilidades das propostas para que possam prontamente ser aperfeiçoadas, minimizando, assim, injustiças e sofrimentos, e contribuindo para um desenvolvimento científico de qualidade e sustentável.

Recebido³ em 26/4/2006
Aprovado em 21/11/2006

³ Uma vez que a revista passou a ser semestral alguns artigos que foram apresentados no primeiro semestre de 2006, após o fechamento da RBPG nº 5, somente foram encaminhados para avaliação posteriormente.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). *Nota da Abrasco sobre os processos de avaliação da produção científica*. Rio de Janeiro, 2006.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). *Ofício Circular PR n. 0159/06*. Brasília, 2006.

DE MEIS, L.; VELLOSO, A.; LANNES, D.; CARMO, M. S.; DE MEIS, C. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, v. 36, 2003, p. 1.135-1.141.

KERR-PONTES, L. R. S.; PONTES, R. J. S.; BOSI, M. L. M. et al. Uma reflexão sobre o processo de avaliação das pós-graduações brasileiras com ênfase na área de Saúde Coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 15, n. 1, 2005. p. 83-94.

LUZ, M. T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria *produtividade* e as condições atuais da vida acadêmica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 15, n. 1, 2005, p. 39-57.

R B P G, Brasília, v. 3, n. 6, p. 300-312, dez. 2006.

MENEGHINI, R. The key role of collaborative work in the growth of Brazilian science in the last ten years. *Scientometrics*, v. 35, n. 3, 1996, p. 367-373.

PEREIRA, J. C. R. *Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TORRANCE, G. W. Utility in health studies. In: ARMITAGE, P.; COLTON, T. (Editors). *Encyclopaedia of Biostatistics*. Chichester: John Wiley & Sons, p. 4.677-4.686, 1999.

VELLOSO, A.; LANNES, D.; DE MEIS, L. Concentration of science in Brazilian governmental universities. *Scientometrics*, v. 61, n. 2, 2004, p. 207-220.